

TRIBUNA
INDEPENDENTE

Endereço Comercial: Empresarial Humberto Lôbo
Av. Menino Marcelo - 9.350- Serraria
Maceió - Alagoas - CEP: 57.046-000
CNPJ: 08.951.056/0001 - 33

UM PRODUTO:



JORGRAF
COOPERATIVA DOS JORNALISTAS E GRÁFICOS DO ESTADO DE ALAGOAS



PRESIDENTE
José Paulo Gabriel dos Santos
DIRETOR ADMINISTRATIVO
FINANCEIRO
Flávio Peixoto
EDITOR GERAL
Ricardo Castro
DIRETORA COMERCIAL
Marilene Canuto

TELEFONE:
82.3316.5855

OS ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.
NÃO REPRESENTANDO, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DESTA JORNAL.

ANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNAIS

O ocio parlamentar faz mal?

A frase do deputado Marcos Pereira (Republicanos-SP) — “ódio demais faz mal” — dita em conversa com o presidente da Câmara, Hugo Motta, sobre o projeto que propõe o fim da escala 6 x 1, poderia soar como um apelo à serenidade em tempos de radicalização. Mas, fora de contexto ou não, a declaração escancara um abismo simbólico entre quem legisla e quem acorda às cinco da manhã para enfrentar ônibus lotados, jornadas exaustivas e salários apertados. O Congresso Nacional, opera, oficialmente, com sessões concentradas entre terça e quinta-feira. É fato que a atividade parlamentar não se resume ao plenário — há comissões, articulações políticas e agendas nos estados. Ainda assim, a percepção pública é inevitável: deputados trabalham três dias presenciais enquanto milhões de brasileiros cumprem seis dias seguidos, muitas vezes sem direito a descanso adequado. Diante desse contraste, a pergunta que ecoa nas ruas é quase irônica: se “ódio demais faz mal”, haveria risco de uma “pandemia de ócio”

no Parlamento caso a lógica da escala fosse aplicada aos próprios deputados? A provocação revela mais que sarcasmo. Revela tamb´em um sentimento de desigualdade estrutural na distribuição do esforço e do sacrifício. A discussão sobre o fim da escala 6 x 1 nasceu do seio popular com um apelo de cansaço. Trata-se de saúde mental, qualidade de vida e produtividade sustentável. Países que revisaram jornadas excessivas não colapsaram por falta de trabalho; ao contrário, observaram ganhos em eficiência e bem-estar. Reduzir o debate a um surto emocional coletivo pode soar como desqualificação da experiência concreta do trabalhador. Quem acorda cedo, pega dois transportes e retorna para casa já sem energia para conviver com a família, não parece ter espaço para ócio e sim para exaustão. No fim das contas, talvez o problema não seja “ódio demais”, mas sensibilidade de menos. E isso, sim, faz mal — não apenas ao Congresso, mas à democracia.

Billo



Cartas de Paris IX – A (im)personalidade



FREDERICO ALVES MONTEIRO PEREIRA
Promotor de Justiça

O deslocamento Maceió/Delmiro é o meu momento de reflexão, por excelência. No meu brainstorm diário, é o reduto temporal onde organizo as ideias, geralmente escutando boas músicas e apreciando a paisagem sertaneja (gosto de setembro, mês das Craibeiras). E numa dessas viagens, escutava com atenção a linda canção Sangue Latino, interpretada pelo ícone Ney Matogrosso. Curta, atemporal, verdadeira e contundente: “ Jurei mentiras e sigo sozinho; Assumo os pecados; Os ventos do norte não movem moinhos (...)” E, quando chegou aos meus ouvidos o lindo trecho “Minha vida, meus mortos; Meus caminhos tortos; Meu sangue latino; Minh’alma cativa; Rompi tratados; Traí os ritos; Quebrei a lança; Lancei no espaço; Um grito, um desabafo(...)” Logo me veio a mente uma passagem ocorrida há mais de uma década, quando ainda morava numa das cidades mais nordestinas de Minas Gerais, a aprazível Manga. Certa noite, numa mesa de jantar, tive o prazer de conhecer uma das irmãs de um querido amigo sertanejo; embora ela tivesse nascida naquela pequena cidade, desde muito nova foi estudar nos grandes centros urbanos. Formou-se Engenheira Química muito jovem (na verdade, uma prodígio), trabalhou na Petrobrás, tinha feito mestrado e doutorado, se não me engano na USP. Era o orgulho dos irmãos e pais. Era sertaneja raiz (era da roça, como diz o meu pai) mas tinha traços

nórdicos, pele branca e cabelos ruivos e, naquele instante, também se comportava como se europeia fosse. Embora os pais mantivessem a simplicidade interiorana na comida e na conversa, os horizontes da jovem promessa eram outros. Conversa afiada, técnica, crítica e menoscabando a sua origem simples. Falava na impessoalidade do mercado econômico europeu e chinês. Ah sim, antes que eu me esqueça, ela estava de malas prontas para se mudar para a Inglaterra, onde cursaria um Pós-Doc. Exaltava a cultura da meritocracia e criticava (de forma ácida) o nosso jeito latino. Manga, Minas e o Brasil eram inseríveis na mente daquela juvenil cientista. Foi então, depois de escutar muito aquele discurso metódico e toda a pompa da doutora que encantava os parentes naquela velha sala de jantar que, após dar uma boa mordida num pedaço de galinha caipira, contei a história de uma amiga distante, tão brilhante quanto a “nórdica doutora”, também Engenheira Química. Perguntei primeiro se ela tinha preparo para ser tratada como número; do alto da sua jovial arrogância, disse-me que sim e que preferia assim, tratamento impessoal, massivo, fulcrado em metas. Passei a contar um trecho da vida da minha amiga; casada há 15 anos com um londrino, já tinha um filho, trabalhava numa famosa indústria farmacêutica juntamente com o seu cônjuge quando descobriu a gravidez do segundo filho. Era necessidade da empresa (por coincidência, naquele período) que ela fosse para a planta industrial localizada na China. Obviamente, ante a sua situação

gravídica, a mesma foi procurar o seu Supervisor, na tentativa de flexibilizar ou, na pior das possibilidades, prorrogar aquela mudança. E adivinhem o que aconteceu? O simples, foi tratada como um número e enviada para a China. Agora sim, entrei na cabeça daquela jovem e a fiz refletir!.. pensei (risos). Ela esboçou um sorriso e disse: é assim que deve ser (tratada como número)! Imediatamente voltei a comer a minha galinha silenciosamente; pois opinião, cada um tem a sua; e a nossa bateria social, nem sempre está carregada. “Rompi tratados, traí os ritos”; nessas pequenas estrofes (que não saem da minha cabeça), consagrase a característica mais evidente da nossa cultura latina; somos INFORMAIS por natureza. E assim nos tratamos no dia a dia, com entusiasmo, com abraços, com toques, pelo nome, numa conversa de bar na sexta-feira. Nesse modo de ser, existirá o lado bom e existirá o lado ruim; caberá a cada um de nós essa escolha. Como utilizar o nosso sangue latino? Há quem poderia dizer que no âmbito da Administração Pública somente prejudicaria. Ouso discordar. Quando feito para se atingir o bem, com condutas republicanas, nada melhor do que ser bem atendido e ser chamado pelo nome (melhor ainda quando acompanhado de um sorriso). Acolher e ser acolhido, duas palavras que mereceriam integrar o rol de Princípios que norteiam a Administração Pública, além dos já conhecidos Legalidade, Impessoalidade, Moralidade, Publicidade e Eficiência. E como diria o grande Ney: “E o que me importa, é não estar vencido!”



AQUILES LINS
Jornalista

O fim da escala 6x1 precisa ser afirmado como conquista direta dos trabalhadores brasileiros. A redução da jornada semanal, sem diminuição de salários, consolidou-se como uma das principais bandeiras do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e carrega décadas de mobilização sindical e social. O momento exige clareza política: não basta administrar o debate, é necessário conduzi-lo com firmeza e posicioná-lo no campo dos direitos sociais. Ao longo da história, cada avanço trabalhista enfrentou resistência semelhante. A limitação da jornada, o descanso semanal remunerado e as férias foram tratados como ameaças à economia antes de se tornarem pilares da legislação. A discussão atual segue essa lógica. Garantir dois dias de descanso por semana significa assegurar convivência familiar, cuidado com a saúde e acesso à vida social. A pauta dialoga diretamente com milhões de brasileiros submetidos a rotinas exaustivas. No Congresso, entretanto, o cenário impõe obstáculos. O presidente da Câmara, Hugo Motta, optou por encampar uma proposta de emenda constitucional e designou como relator na CCJ o deputado Paulo Azi, integrante de um partido que abriga setores contrários ao fim da 6x1. A escolha desloca o eixo de condução da matéria e amplia o espaço para alterações que podem enfraquecer o conteúdo original defendido por parlamentares como Erika Hilton, uma das vozes mais ativas na defesa da redução da jornada sem corte salarial. A tramitação por meio de PEC também eleva o quórum necessário e retira a possibilidade de veto presidencial, exigindo articulação mais intensa com partidos de centro e direita. Setores empresariais já se movimentam para adiar a votação e pressionam contra mudanças que afetem custos trabalhistas. O ambiente político revela que a disputa não é apenas técnica; envolve correlação de forças e projeto de país. Nesse contexto, Lula precisa

puxar o debate para a esquerda e assumir o protagonismo público da proposta. A redução da jornada deve ser apresentada como política de distribuição de riqueza e de tempo, compatível com ganhos de produtividade acumulados nas últimas décadas. A narrativa não pode ser defensiva. É necessário afirmar que crescimento econômico e valorização do trabalho caminham juntos. Parte da mídia corporativa tem atuado para moldar a percepção pública de forma desfavorável. Reportagem da Folha de S.Paulo afirmou que o brasileiro trabalha menos que a média mundial e sugeriu que não seria “particularmente esforçado”. A ministra Gleisi Hoffmann reagiu com contundência: “Reservar pelo menos dois dias por semana para cuidar da família e da própria vida é um direito que a Folha não quer reconhecer e ainda por cima tenta estigmatizar como preguiça”. Ela também questionou: se a média mencionada é de 40,1 horas semanais, qual o impedimento para reduzir a jornada legal de 44 para 40 horas? Querem o fim da escala 6x1. O que vai ser depois, salários dignos? Canalias.



Nossa Senhora das Graças em minha vida



LAURENTINO VEIGA

A Padroeira de Paulo Jacinto, Nossa Senhora das Graças, influenciou toda a minha vida, terra-mãe que me viu nascer no abençoado dia 03 de fevereiro de 1946. A época, a então Vila pertencia a Quebrangulo, berço de Graciliano Ramos. Meus saudosos pais Cícero Rocha - Maria Veiga, filha do pecuarista José Luís da Veiga Lima, capitão Cazuza, assistiam a Missa na pequena Capela situada na rua do Comércio. Com a chegada do venerável Padra José Monteiro, surgiu a bela Matriz para irradiar a fé cristã. Monumento de alto nível que os visitantes ficam deslumbrados com a arquitetura moderna. Rezam, fazem súplicas à Nossa Senhora das Graças, para receberem às bênçãos. Convivi com meus tios: João Veiga de Lima (primogênito), Luís Veiga, Mário

Veiga, Dr. Lourenço da Veiga Lima, Ernestino Veiga, meu padrinho, Júlio Veiga, Sebastião Veiga. Minhas adoradas tias: Antonina Veiga, minha madrinha, Maria Veiga Sandes, Gertrudes Magna, Rosa Veiga, Taciana Calado. Na aurora da década de 70, meu querido irmão economista-advogado Cícero Veiga, trouxe-me para residir na Cesa Casa dos Estudantes Secundaristas de Alagoas, onde exercia as funções de Tesoureiro naquele sodalício. Migrou à Terra de Fausto Cardoso (1968), ocupando relevantes cargos. Inclusive, foi governador do Amapá durante 25 dias com sua inteligência invejável. Influenciado pelo líder do clã, fiz Ciências Econômica pela Ufa, especializei-me em Planejamento Governamental e, portanto, servi à Seplan a convite do inesquecível Professor Evilásio Soriano de Cerqueira, no governo probo de Guilherme Palmeira. Ao chegar a marcas de meus oitenta anos. Iniciei no jornalismo onde permaneço na Tribuna Independente, Tribuna do Sertão com a aquiescência do econo-

mista Paulo Gabriel, Advogado Vladimir Barros, respectivamente. Lecionei Economia no Cesmec, e escrevi cinco livros imortalizando-me na literatura local. Durante minha vitoriosa vida, casei a minha saudosa esposa Professora de Inglês na rede Estadual, advogada Aurilene Moraes da Veiga. Dessa perfeita união nasceram a Professora universitária Vanessa Veiga, talentosa advogada Vanissa Paloma. Ambas me deram os Netos Hugo Daniel (primogênito), novel advogado Kennedy Veiga. Família que amo muito por tudo que representa para mim. Ao atingir meus oitenta anos de vida, agradeço a Nossa Senhora das Graças, ao seu Glorioso Filho Jesus Cristo pela dádiva recebida em minha vida. As minhas Santas: Bernadete, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Lúzia e Santa Rita de Cássia pelos méritos recebidos. Afinal, sem a ajuda divina não teria me transformado em oitentão. Viva Nossa Senhora das Graças!